

NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PARA ALÉM DO BRINCAR LIVRE

Maria Jade Pohl Sanches¹ 

Fernando Russo Costa do Bomfim² 

¹Licenciada no curso de Letras - Letras Inglês na Faculdade Estácio de Sá (2021 - 2023).
Graduada no curso de Letras - Português na Faculdade Estácio de Sá (2021 - 2023).
Mestranda em Educação na Universidade Federal da Bahia (UFBA) (2023 - Atual).
E-mail: jade.pohl.sanches@gmail.com.

²Mestre (2014) e Doutor (2018) em Ciências pelo Programa de Pós-graduação em Ciência Cirúrgica Interdisciplinar do Departamento de Cirurgia da Universidade Federal de São Paulo.
E-mail: g.verasreis@gmail.com.

Revista Educação em Contexto

Secretaria de Estado da Educação
de Goiás - SEDUC-GO

ISSN 2764-8982

Periodicidade: Semestral.

v. 3 n. 2, 2024.

educacaoemcontexto@educ.go.gov.br

Recebido em: 03/10/2024

Aprovado em: 22/10/2024

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14188106>

Resumo

Neste relato analisamos a relação entre brincadeira livre e a intervenção do educador na Educação Infantil, destacando a importância de um equilíbrio para o desenvolvimento infantil. A prática foi realizada em uma escola municipal de Santa Maria – RS, com uma turma de 20 crianças de 1 a 5 anos ao longo de quatro meses. O objetivo foi promover a narração de histórias como uma prática central que enriquece as brincadeiras e assegura a mediação intencional do professor. A metodologia utilizada consistiu em integrar a narração de histórias ao cotidiano escolar, criando um ambiente acolhedor e estimulante onde cada criança se sentisse vista, ouvida e valorizada, reforçando o papel educativo da brincadeira. Os resultados indicaram que a narração de histórias inserida no cotidiano escolar potencializou a brincadeira livre e promoveu interações mais significativas entre as crianças. Concluímos que o equilíbrio entre brincadeira livre e intervenção pedagógica é essencial para o desenvolvimento integral na Educação Infantil.

Palavras - chave: Brincadeira. Intervenção. Narração. Mediação.

INTRODUÇÃO

Ao discutir a Educação Infantil, é essencial abordar o conceito de brincadeira livre com cuidado, evitando confusões que possam surgir sobre a ausência total de intervenção do educador nesse processo. Embora seja inegável que a liberdade no brincar desempenha um papel crucial no desenvolvimento infantil, há um equilíbrio delicado a ser mantido. As crianças, mesmo em momentos de brincadeiras espontâneas, precisam de estímulos direcionados e da presença ativa do adulto para que não se sintam desamparadas ou desinteressadas, ao ponto de questionar: “Vamos apenas brincar a tarde toda?” Essa pergunta, aparentemente simples, reflete uma inquietação genuína que pode surgir quando a brincadeira perde sua função educativa, passando a ser vista como algo sem propósito.

Foi com essa inquietação que começamos nossa prática em uma escola municipal de Santa Maria – RS, onde trabalhamos com uma turma de 20 crianças da Educação Infantil, com idades entre um e cinco anos, ao longo de um período de quatro meses. Durante esse tempo, nosso objetivo foi promover a narração de histórias como parte central do cotidiano em sala de aula, para que as crianças pudessem aprender enquanto brincavam. A ideia não era apenas garantir que o brincar continuasse sendo um componente fundamental do desenvolvimento infantil, mas também assegurar que houvesse uma mediação intencional do professor, criando um ambiente acolhedor e estimulante, onde cada criança se sentisse vista, ouvida e valorizada.

Logo no início, percebemos uma dinâmica que se repetia: a professora responsável dedicava apenas uma hora de aula às atividades, com foco em uma única folha impressa para colorir. Essa prática, por mais bem-intencionada que fosse, não conseguia manter o interesse das crianças. Elas demonstravam

sinais claros de tédio e inquietação, o que, consequentemente, resultava em um ambiente pouco produtivo para o aprendizado. Além disso, observamos que o nível de conhecimento das letras e números estava aquém do esperado para a faixa etária, o que evidenciava a necessidade de uma abordagem mais ativa e integrada ao ensino.

Diante dessas observações, nos questionamos: por que restringir o aprendizado a atividades repetitivas e limitadas, quando a sala de aula poderia ser um espaço vibrante de descobertas e interações lúdicas? Por que não transformar o brincar em um instrumento pedagógico potente, no qual o professor atuasse como um parceiro ativo e engajado, mediando as atividades de forma que o aprendizado se tornasse uma experiência natural e prazerosa? Foi a partir dessas perguntas que buscamos ressignificar o processo de ensino naquela turma, trazendo a narração de histórias para o centro das atividades pedagógicas.

A decisão de trabalhar com a narração de histórias não surgiu de forma isolada. Nos baseamos em um conjunto de investigações teóricas que fundamentaram nossa prática. Autores como Abramovich (1991), Faria (2010) e Moreno (2009) foram essenciais para essa transformação. Eles forneceram a base conceitual necessária para entender que a Educação Infantil vai além da simples transmissão de conhecimento. Afinal, trata-se de um espaço onde as crianças não apenas recebem informações, mas constroem suas próprias experiências e culturas por meio da interação com o mundo ao seu redor.

Neste relato de experiência, exploramos a metodologia a partir de cinco histórias contadas, acompanhadas de atividades lúdicas que promoveram o envolvimento e a aprendizagem das crianças. Fundamentados em teorias que valorizaram a experi-

ência e a narrativa como abordagens pedagógicas, buscamos evidenciar como essas práticas vão além do conceito de brincar livre a partir das considerações da autora Emmi Pikler (1969), pediatra austríaca que enfatizou a importância da autonomia infantil. Segundo sua abordagem, as crianças devem brincar de forma espontânea e se movimentar sem restrições. A participação dos adultos deve ser limitada, permitindo que as crianças desenvolvam sua independência de maneira natural.

Esperamos que com esse trabalho, professores e a comunidade escolar possam reconhecer as vastas potencialidades da Educação Infantil, entendendo que a narrativa e as atividades lúdicas são fundamentais para o desenvolvimento integral das crianças, ampliando suas habilidades e conhecimentos de forma criativa e significativa para além de um brincar livre.

A brincadeira como alicerce para aprendizagem

Na Educação Infantil, o brincar é um elemento fundamental que deve ser integrado ao aprendizado de forma intencional e planejada. Não basta apenas deixar as crianças brincando sem direcionamento; é preciso criar um ambiente em que o brincar seja um alicerce para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional. O ato de brincar, quando estimulado de maneira adequada, promove a curiosidade, a imaginação e a interação, tornando-se cúmplice do processo educativo (VYGOTSKY, 1991). Afinal, as crianças não apenas se divertem, mas também aprendem e se desenvolvem em todas as suas potencialidades com o auxílio do professor como mediador, conforme o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil:

O professor é o mediador entre as crianças e os objetos de conhecimento, organizando e propiciando espaços e situações de aprendizagens que articulem os recursos e capacidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas de cada criança aos seus conhecimentos prévios e aos conteúdos referentes aos diferentes campos de conhecimento humano. Na instituição de educação infantil o professor constitui-se, portanto, no parceiro mais experiente, por excelência, cuja função é propiciar e garantir um ambiente rico, prazeroso, saudável e não discriminatório de experiências educativas e sociais variadas (BRASIL, 1998, p. 30).

Nesse sentido, muitas vezes, o papel do professor é visto como apenas transmissor de conteúdo, mas a verdadeira eficácia está em sua habilidade de criar espaços que respeitem a diversidade de experiências das crianças. A prática pedagógica deve ir além de simplesmente oferecer um ambiente agradável; precisa desafiar e promover o desenvolvimento integral, considerando as diferenças individuais e culturais. Assim, a atuação do professor não deve ser neutra, mas ativa e proposital, sempre atenta para evitar práticas discriminatórias e garantir um aprendizado que dialogue com as realidades sociais de cada aluno:

A instituição de educação infantil deve tornar acessível a todas as crianças que frequentam, indiscriminadamente, elementos da cultura que enriquecem o seu desenvolvimento e inserção social. Cumpre um papel socializador, propiciando o desenvolvimento da identidade das crianças, por meio de aprendizagens diversificadas, realizadas em situações de interação (BRASIL, 1996, p. 28).

Educar, nesse contexto, envolve muito mais do que simplesmente permitir que as crianças brin-

quem por conta própria. É sobre criar momentos de aprendizado guiado que, além de estimular suas habilidades cognitivas, também fortaleçam a convivência e o respeito entre elas. O perigo de deixar o “brincar livre” sem qualquer orientação está no risco de não explorar todo o potencial das interações e do desenvolvimento infantil. A mediação cuidadosa e intencional do professor é essencial para garantir que essas experiências sejam enriquecedoras e capazes de conectar as crianças não só ao mundo ao seu redor, mas também às diferentes culturas e realidades sociais. Afinal, quando nos referimos a criança precisamos ter em mente que se trata de um:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2010, p. 12).

Analisando o que consta nas diretrizes, nos deparamos com inúmeros desafios ao trabalhar com uma turma de Educação Infantil que já estava visivelmente entediada com as brincadeiras rotineiras. Essa situação me fez refletir sobre como a escola desempenha um papel crucial no desenvolvimento das crianças, além de oferecer experiências que vão além do ambiente familiar. A interação com os colegas, professores e toda a equipe escolar cria oportunidades para que as crianças explorem diferentes formas de se relacionar com o mundo. Na Educação Infantil, o objetivo é expandir essas vivências, permitindo que as crianças sejam agentes ativos na construção de cultura, e não apenas replicadoras de ensinamentos (TEIXEIRA, 2003).

A Literatura surge, então, como uma abordagem potente para promover um aprendizado significativo, servindo de ponto de partida para brincadeiras que

não apenas entretêm, mas que também carregam conteúdos valiosos. Ao serem expostas a histórias, fábulas e contos, as crianças têm a chance de mergulhar em diferentes mundos, personagens e situações, o que desperta sua imaginação e curiosidade:

A leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu. A partir daí ela pode estabelecer relações com sua forma de pensar e o modo de ser do grupo social ao qual pertence (BRASIL, 1998, p. 143).

Nesse sentido, as histórias, mais do que simplesmente entreter, desempenham um papel fundamental na formação inicial das emoções, valores e ideias das crianças. Por meio dessas, é possível plantar as sementes de futuros leitores que não apenas apreciam a leitura, mas que também desenvolvem pensamento crítico e criatividade. Quando o educador adota uma postura ativa, incentivando esse processo, ele contribui diretamente para a construção de mentes curiosas e engajadas, que aprendem de maneira lúdica e significativa, mesmo que a criança ainda não consiga ler.

De acordo com Abramovich (1991), o hábito de ouvir histórias marca o começo do processo de se transformar em leitor. A autora afirma que, ao escutar contos, é possível vivenciar uma ampla gama de sentimentos, como tristeza, raiva, irritação, bem-estar, medo, alegria, pavor, insegurança e tranquilidade, entre outros. Esses relatos têm o poder de despertar emoções profundas em seus ouvintes, proporcionando uma experiência intensa com a narrativa:

Raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas

provocam em que as ouve com toda amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar. Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos imaginários (ABRAMOVICH, 1991, p. 17).

Entretanto, é fundamental lembrar que o literário não trata apenas de temas leves e prazerosos. A arte tem o papel de revelar o ser humano em sua totalidade, incluindo tanto o amor quanto a dor (CAVALCANTI, 2002). Isso também se aplica ao modo como escolhemos contar histórias. Para crianças da Educação Infantil que já estão cansadas de materiais impressos, essa expressão artística oferece um alívio essencial, criando um ambiente seguro onde podem explorar e lidar com suas emoções, promovendo assim um aprendizado significativo. Afinal: “Contar histórias é uma arte [...] e tão linda! Ela é o uso simples e harmônico da voz” (ABRAMOVICH, 1991, p. 18).

A intenção foi, através da voz do professor, apoiar as crianças em seu processo de entender, interagir e atuar no mundo ao seu redor. Era preciso que as histórias evocassem emoções, apresentasse soluções inesperadas e falasse de uma forma acessível ao universo infantil. Nesse sentido, surgiu a ideia de criar uma interação onde as crianças pudessem mergulhar na fantasia e construir um mundo cheio de possibilidades, explorando sua criatividade de maneira livre e enriquecedora.

Ao interagir com as histórias, as crianças mergulharam em um universo de emoções, como se fizessem parte da própria narrativa. Esse envolvimento despertou a imaginação e as ajudou as crianças a exercitar a resolução de problemas enfrentados no cotidiano, como o desinteresse por brincar e a falta de estímulo, fatores que impactaram diretamente seu desenvolvimento cognitivo e social.

Além disso, essa experiência estimulou várias formas de expressão, como o desenho, a música, o

pensamento criativo, o teatro, o brincar, o manuseio de livros e até o desejo de escrever e ouvir as histórias repetidamente. A partir dessas investigações, quando optamos por trabalhar com a narração de histórias na Educação Infantil, o entusiasmo foi evidente: os olhos das crianças brilhavam, e logo surgiu a pergunta ansiosa: “pode ser agora?”

O universo do era uma vez...

Diante das reclamações de tédio entre as crianças, decidi implementar uma abordagem mais envolvente, começando com a contação de histórias seguida de atividades lúdicas relacionadas ao tema do conto. Para criar um ambiente acolhedor e estimulante, escolhi um canto da sala e o transformamos em uma barraca de leitura. Com almofadas macias, lençóis coloridos e um tapete aconchegante, buscamos proporcionar um espaço que convidasse as crianças a se sentirem confortáveis e imersas na experiência.

A cada dia, uma criança tinha a oportunidade de escolher uma história para ser lida, incentivando assim a participação ativa e o envolvimento de todos. Essa dinâmica não só despertou o interesse pela leitura, mas também promoveu a criatividade e a interação entre os pequenos, afinal ao escolher a história, a criança se sentia valorizada e responsável por uma parte importante da rotina, o que estimulava sua autonomia e confiança. Além disso, ao ouvir a história escolhida pelo colega, os demais alunos eram expostos a diferentes narrativas, ampliando seu repertório literário e incentivando discussões espontâneas sobre os personagens, enredos e lições das histórias.

Relataremos cinco histórias e as atividades, que foram para as crianças como relatado pelos familiares, as que tiveram mais impacto nos estudantes. A primeira história é “A menina bonita do laço de Fita” (MACHADO, 2011), que conta

a história de uma menina negra, muito bonita, com um laço de fita no cabelo, que desperta a admiração de um coelho branco (Figura 1). Fascinado pela cor da pele dela, o coelho deseja saber o segredo de sua beleza e tenta de várias formas ficar como ela. A menina inventa histórias engraçadas, mas no final revela que sua cor vem de sua ancestralidade. A história celebra a diversidade e a beleza das diferenças, transmitindo mensagens sobre identidade e aceitação.

Após a contação da história, as crianças estavam cheias de entusiasmo, e uma das meninas, que tinha cabelos cacheados e pele negra, compartilhou o quanto se identificava com a personagem principal, recebendo o apoio e acolhimento de seus colegas. Para dar continuidade a essa empolgação, propomos uma atividade lúdica que consistia em criar uma boneca a partir de um molde de gesso que foi entregue aos alunos em branco. Eles tinham a liberdade de colorir e personalizar a boneca de acordo com a personagem que representavam.

Distribuímos materiais diversos, como laços de cabelo em diferentes estilos, papel crepom nas cores preta e marrom, além de tintas guaches. Foi incrível observar o cuidado e a atenção que as crianças dedicaram a suas criações, dando nomes e idades às bonecas. Essa atividade e suas repercussões me levaram a refletir sobre os princípios da Arteterapia, que valorizam a expressão pessoal e a autoimagem, permitindo que as crianças explorassem sua identidade de maneira criativa e significativa:

A Arteterapia, além de desenvolver a capacidade motora, os gestos, ajuda a ativar os aspectos cognitivos, propiciando uma nova forma de aprendizagem. Ela é a cura emocional através da arte ilimitada unida ao processo terapêutico, que a transforma em uma téc-

nica especial. É a prática que utiliza a autoexpressão do indivíduo como um meio de revelar seu mundo interior (MARTINIE; FILHA; MENTA, 2002, p. 98).



Figura 1. Narração da história “A menina bonita do laço de fita”.

Nesse sentido, na busca pela revelação do mundo interior das crianças, escolhemos trabalhar a história “O monstro e as cores” (LLENAS, 2018), que conta a história de um monstrinho confuso que não consegue entender suas emoções, pois todas estão misturadas dentro dele. Uma menina o ajuda a identificar e separar cada sentimento em cores diferentes: o amarelo para a alegria, o azul para a tristeza, o vermelho para a raiva, o preto para o medo e o verde para a calma. Ao organizar suas emoções, o monstro aprende a reconhecer e lidar melhor com seus sentimentos.

Após a contação da história, percebi que os alunos estavam entusiasmados com a ideia de usar tinta, algo que antes tinham recusado devido ao receio da sujeira. Aceitamos o desafio e propusemos que cada um escolhesse cores que representassem seus sentimentos. Foi maravilhoso ver como as crianças se divertiram! Algumas até relembrou cenas do filme *Divertidamente*, imitando falas e narrando momentos que os marcaram (Figura 2).

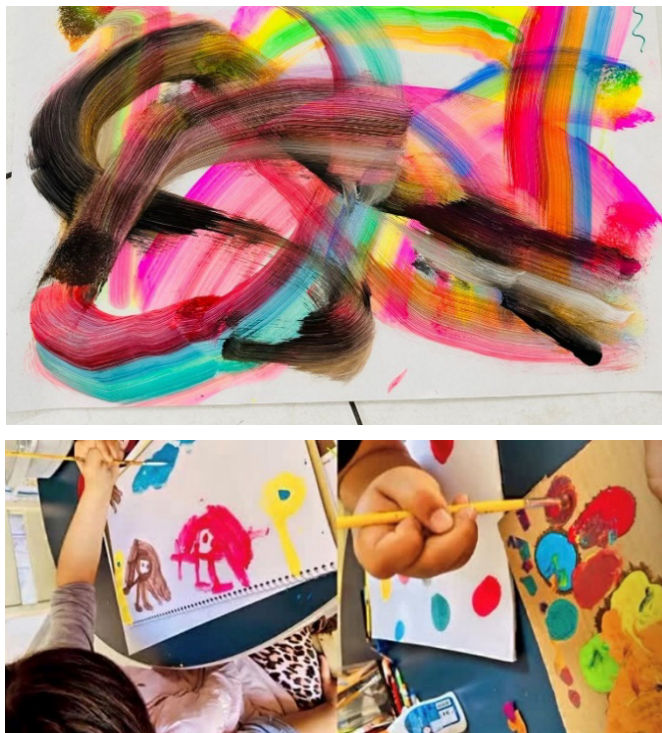


Figura 2. Atividades realizadas pelas crianças referentes ao livro “o monstro e as cores”.

Quando terminaram suas obras, nos reunimos em um círculo, e cada um teve a chance de apresentar seu trabalho, explicando em que momentos os sentimentos apareciam nas suas criações. Um relato que nos tocou foi o de uma criança que revelou se sentir triste sempre que recebia uma folha impressa para colorir. Esse desabafo foi acolhido pelas colegas, que compreenderam e se conectaram com suas emoções. Esse momento de troca e empatia me fez refletir sobre as palavras da autora Faria (2010), que destaca a importância de dar voz às emoções e de criar um espaço seguro para que as crianças possam se expressar livremente:

Sabemos que o texto literário narrativo oferece ao leitor a possibilidade de “experimentar uma vivência simbólica” por meio da imaginação suscitada pelo texto escrito e/ou pelas imagens. A literatura (e, portanto, a literatura para a juventude) é portadora de um siste-

ma de referências que permite a cada leitor organizar sua função psíquica com o vivido e a sensibilidade que lhe é própria (FARIA, 2010, p.19).

Com a mesma sensibilidade encontrada no encontro anterior, a próxima história escolhida foi “Alice no país das maravilhas” (CARROLL, 1980), que narra a aventura de Alice, uma menina curiosa que, ao seguir um coelho apressado, cai em uma toca e entra em um mundo fantástico e cheio de absurdos. Nesse lugar mágico, ela encontra personagens peculiares, como o Chapeleiro Maluco, a Rainha de Copas e o Gato de Cheshire, e vive situações surreais que desafiam a lógica. Durante sua jornada, Alice explora questões de identidade e cresce ao enfrentar os desafios desse mundo estranho, sempre com uma mistura de perplexidade e coragem.

A atividade organizada foi uma encenação divertida, na qual convidamos algumas professoras da escola para interagir com as crianças de forma lúdica. Ao final da história, a coordenadora, vestida de coelho, convocou os alunos para uma hora do chá no pátio. Para a surpresa de todos, encontraram uma mesa redonda decorada com os personagens da história: o Chapeleiro Maluco, a Lebre, a Rainha de Copas e o Gato com o grande sorriso. Cada aluno teve a oportunidade de se apresentar e se acomodar à mesa, onde puderam beber chá, saborear bolo e compartilhar suas aventuras nos recreios com os amigos. Essa experiência não só os fez sentir importantes, mas também acolhidos e ouvidos, como relataram dois estudantes.

O que mais nos chamou a atenção foi o fato de que muitos deles mencionaram que a hora preferida do dia era, na verdade, o momento de estudar. Isso me fez perceber que, apesar de se divertirem ao brincarem “soltos”, eles também sentiam que, muitas vezes, suas vozes eram ignoradas. Esse contraste destacou a importância de criar espaços onde as crian-

ças possam se expressar, se conectar e sentir que suas experiências e sentimentos são valorizados. Esse fato nos remeteu a Machado (2014), ao pontuar que,

reside no brincar, especialmente no brincar imaginativo, as sementes da teatralidade. Contar histórias para as crianças fazendo vozes; brincar junto em um teatro de fantoches; esconder-se e ser achado; desenhar figuras, recortá-las e colá-las em palitos de sorvete, para narrar uma pequena situação familiar ou extra-cotidiana... são atitudes de agachamento: maneiras de estar perto da criança mesma, compartilhando a capacidade humana da imaginação comungada em maneiras de brincar (MACHADO, 2014, p. 08).

“As aventuras de Peter Pan” (BARRIE, 1992), conta a história de um menino que se recusa a crescer e vive na mágica Terra do Nunca, onde é líder dos Meninos Perdidos. *Peter Pan*, junto com a fada Sininho, leva Wendy e seus irmãos para essa terra encantada, onde eles enfrentam o temível Capitão Gancho e vivem inúmeras aventuras. Terra do Nunca é um lugar de fantasia, onde o tempo não passa e a infância é eterna. A história aborda temas como a inocência da infância, a liberdade e a rejeição à vida adulta, mas também revela a beleza e os desafios do amadurecimento.

Após a contação da história, as crianças estavam radiantes de expectativa para brincar de *Peter Pan* e navegar em seu próprio navio. Aproveitando essa empolgação, decidimos que a atividade lúdica seria a construção do navio. Primeiro, fizeram um esboço da construção no papel pardo, em seguida, com papelão, TNT, EVA e, claro, muita tinta, os pequenos se dedicaram intensamente à tarefa, imprimindo suas personalidades e criatividade na embarcação (Figura 3). Com entusiasmo, escolheram o nome “Aventura Colorida” para o barco, refletindo a alegria e a energia que trouxeram para a atividade.



Figura 3. Crianças produzindo o esboço da construção do navio.

Depois de finalizar a construção, todos subiram a bordo e se entregaram ao faz de conta, mergulhando no universo de aventuras. Foi maravilhoso observar como se organizavam em diferentes personagens, mostrando o engajamento e a colaboração da turma. A energia do momento era contagiante, e cada criança parecia estar não apenas brincando, mas vivendo uma verdadeira expedição pela Terra do Nunca. Nesse sentido, foi perceptível notar que:

A criança expressa-se pelo ato lúdico e é através desse ato que a infância carrega consigo as brincadeiras de faz-de-conta. É pelo brincar e repetir da brincadeira que a criança saboreia a vitória da aquisição de um novo saber incorporado a cada novo brincar (CRAIDY, 2001, p. 103).

Na perspectiva de redescobrir o brincar sob diferentes maneiras, o próximo conto foi “O maravilhoso mágico de Oz” (BAUM, 2014), que narra a jornada de Dorothy, uma menina que, após ser levada por um ciclone para a terra mágica de Oz, busca retornar ao Kansas. Acompanhada pelo Espantalho, que deseja um cérebro, o Homem de Lata, que busca um coração, e o Leão Covarde, que quer coragem, Dorothy segue pela estrada de tijolos amarelos até a Cidade das Esmeraldas para encontrar o poderoso Mágico de Oz. Ao longo do caminho, eles enfrentam desafios e descobrem que as qualidades que procuravam já estavam dentro deles. A história destaca a importância da amizade, da coragem e da autodescoberta.

Após a narração, uma professora vestida de Dorothy entrou na sala, conforme havíamos combinado anteriormente, e revelou às crianças que havia se perdido de seus amigos enquanto procurava o Mágico de Oz. A animação tomou conta da turma, que se prontificou a ajudar a personagem. Fomos ao pátio, onde havia diversas pistas sobre o paradeiro do Mágico, e as crianças começaram a segui-las, encontrando personagens da história interpretados por outras professoras, como o Homem de Lata, o Leão e o Homem-Palha (Figura 4). No final da jornada, encontraram o Grande Feiticeiro, que alegou que só devolveria os amigos de Dorothy se as crianças conseguissem completar uma série de desafios, semelhante à brincadeira de “siga o mestre”.



Figura 4. Crianças interagindo com o Mágico de Oz, ao lado, o Homem-Palha.

Após enfrentarem as atividades propostas, o Grande Feiticeiro finalmente devolveu os amigos e, em agradecimento pela aventura, Dorothy entregou a cada criança uma medalha de brinquedo. Foi incrível ver o entusiasmo delas ao longo da atividade, o que me levou a refletir sobre a importância do jogo de faz-de-conta no desenvolvimento psicológico infantil. Durante essas brincadeiras, ao ver adultos participando com elas, as crianças conseguem estruturar sua percepção do mundo, ajustando e reconfigurando suas visões sempre que necessário. Isso nos fez lembrar das palavras de Rossler:

[...] a brincadeira infantil consiste numa atividade de importância fundamental para o desenvolvimento psíquico do indivíduo e, assim, para o desenvolvimento da própria sociedade, uma vez que por essa atividade desenvolvem-se nos indivíduos aquelas capacidades, aptidões e faculdades, físicas e psíquicas, que são pré-requisitos para o desenvolvimento do gênero humano, da humanidade (ROSSLER, 2006, p. 62).

Ao final das atividades, ficou claro que as crianças estavam empolgadas com a experiência, como relataram seus pais. Elas não apenas contavam animadamente o que haviam feito, mas também traziam desenhos de seus personagens favoritos. Algumas expressavam tanta alegria que diziam nem sentir falta de outras brincadeiras, pois já se divertiam imensamente na aula. Quando me viam, frequentemente perguntavam: “Qual será a aventura que vamos enfrentar hoje?” Essa curiosidade revelava um entusiasmo contagiante.

Além disso, foi notável como a atividade despertou o interesse pela leitura. Ao final do processo, algumas professoras relataram que os alunos chegavam à sala e imediatamente pegavam um livro para folhear, ansiosos por descobrir novas letras e palavras. Essa interação lúdica,

tanto dentro quanto fora da sala de aula, com as professoras atuando como cúmplices, estimulou não apenas o interesse pela leitura, mas também ampliou as aventuras na Educação Infantil para além do brincar livre. A prática destacou a importância de integrar a brincadeira e a literatura, proporcionando um ambiente rico em aprendizado e descoberta.

Essa prática nos lembrou as palavras da irmã da personagem Alice no País das Maravilhas como capítulo final dessa história na Educação Infantil:

Por fim, ela imaginou que esta mesma irmãzinha seria no futuro uma mulher adulta, que ela conservaria nos anos mais maduros o coração simples e amoroso da sua infância, que ela reuniria ao redor de si outras crianças, fazendo os olhinhos brilharem desejosos de mais uma história estranha, talvez até com o sonho do País das Maravilhas do passado, e que ela se compadeceria de suas tristezas simples e encontraria prazer em todas as suas alegrias simples, lembrando-se da sua própria infância e dos dias felizes de verão (CARROL, 1980, p. 171).

E assim, entre mágicos, laços de fita, aventuras na Terra do Nunca e coelhos apressados, encerrou-se um incrível projeto com as crianças da Educação Infantil. Esta viagem foi repleta de imaginação e aprendizado, onde cada momento vivido fortaleceu os laços de amizade e criatividade entre professores e crianças, como sempre deveria ser.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desse projeto permitiu que tanto as crianças quanto a equipe escolar se envolvessem em uma prática rica de aprendizado e colaboração. Ao longo do processo, ficou claro

que a brincadeira livre, quando mediada adequadamente, se transforma em momentos valiosos de interação social e criação colaborativa. As crianças, ao explorarem novas formas de brincar, descobriram maneiras inéditas de interagir e expressar sua criatividade, demonstrando avanços significativos em seu desenvolvimento cognitivo, emocional e social.

A narração de histórias, um dos pilares do projeto, revelou-se uma abordagem potente no contexto da Educação Infantil. Ela não apenas estimulou a imaginação, mas também fomentou a empatia, permitindo que as crianças se colocassem no lugar dos personagens e desenvolvessem uma compreensão mais profunda das emoções e dos conflitos apresentados nas narrativas. O impacto foi evidente no envolvimento crescente com a leitura e na curiosidade demonstrada em cada atividade, ressaltando o prazer pela literatura e sua capacidade de transformar o olhar infantil sobre o mundo.

Além disso, a experiência destacou o papel essencial da Educação como mediadora desse processo de descoberta e crescimento. A cada sessão de leitura, era visível o entusiasmo das crianças, e o brilho em seus olhos confirmava a profundidade do impacto que as histórias e as atividades proporcionavam, tanto na esfera do aprendizado quanto na formação de vínculos afetivos.

Ao final desse ciclo, nos despedimos com uma sensação de realização, saudade e gratidão. A experiência vivida não apenas enriqueceu nossas práticas educativas, como também deixou marcas duradouras em cada participante. Estamos ansiosos por futuras oportunidades para visitar esse universo, onde a literatura, o brincar e o aprendizado caminham juntos, com o objetivo de promover o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social das crianças e fortalecer a convivência em sala de aula.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. 2ª ed. São Paulo: Scipione, 1991.
- BARRIE, J. M. **Peter Pan: o livro**. Tradução de Ana Maria Machado. Ilustrações de Walter Ono. São Paulo: Quinteto, 1992.
- BAUM, L. F. **O Maravilhoso Mágico de Oz**. Tradução de Carol Chiovatto. Rio de Janeiro: Vermelho Marinho, 2014.
- BRASIL. **Ministério da Educação e do Desporto**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC/SEB, 1996.
- _____. **Ministério da Educação e do Desporto. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília. MEC/SEF. Vol. 1, 1998.
- _____. **Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010.
- CAVALCANTI, J. **Caminhos da Literatura Infantil e Juvenil**: Dinâmicas e vivências na ação pedagógica. São Paulo: Paulus, 2002.
- CARROLL, L. **Aventuras de Alice no país das maravilhas**; Através do espelho e o que Alice encontrou lá. São Paulo: Summus, 1980.
- CRAIDY, C. M. Educação Infantil e as novas definições da legislação. **Educação Infantil pra que te quero**, p. 23-26, 2001.
- FARIA, M. A. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- LLENAS, A. **O Monstro das Cores**. Belo Horizonte: Aletria, 2018.
- MACHADO, A. M. **Menina Bonita do Laço de Fita**. São Paulo: Ática, p.24, 2011.
- MACHADO, M. M. Teatro e infância, possíveis mundos de vida (e morte). **Revista Aspás**, v. 4, n. 2, p. 3-14, 2014.
- MARTINIE, J. M. T.; FILHA, M. T. J. C; MENTA S. A. Arteterapia: Recurso Terapêutico Ocupacional na Terceira Idade. **Revista Militemas**, v. 25, p. 93-106, mar. 2002.

MORENO, L. A. O lúdico e a contação de histórias na educação infantil., **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 10, n. 97 p. 228-241, 2009.

PIKLER, E. **Moverse en libertad**: desarrollo de la motricidad global. 8. ed. Madrid: Narcea, 1969.

ROSSLER, J. H. O papel da brincadeira de papéis sociais no desenvolvimento do psiquismo humano. **Brincadeira de papéis sociais na educação infantil: as contribuições de Vygotsky, Leontiev e Elkonin**. São Paulo: Xamã, p. 51-63, 2006.

TEIXEIRA, L. R. M. Desenvolvimento cognitivo e educação infantil: espontâneo ou produzido? In: RUSSEFF, I.; BITTAR M. (Orgs). **Educação Infantil: política, formação e prática docente**. Campo Grande, Plano. 2003.